

Temperança a bordo: o Reverendo Metodista Daniel Kidder e sua pregação contra o consumo do álcool durante suas viagens pelo Império do Brasil*

Sergio Willian de Castro Oliveira Filho

Primeiro-Tenente (T), Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é doutorando em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas e pesquisador da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.

RESUMO

No século XIX o Brasil vivenciou uma grande presença de estrangeiros em seu território. Um destes estrangeiros foi o Reverendo Metodista norte-americano Daniel Parish Kidder. Este viajante escreveu relatos contendo suas impressões sobre este território e seus habitantes. Tal artigo busca perceber a história marítima a partir de uma análise dos discursos e experiências deste estrangeiro protestante com relação a seu olhar sobre o consumo de bebidas alcoólicas que através de seus escritos construíram um amplo jogo de relações de alteridade com o Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Temperança, Protestantismo, História Marítima

ABSTRACT

In the nineteenth century, Brazil experienced a large presence of foreigners in its territory. One of those foreigners was the American Methodist Reverend Daniel Parish Kidder. This traveler wrote reports containing his views on this territory and its inhabitants. This article seeks to understand the maritime history from the analysis of arguments and experiences of this foreign Protestant regarding his views on the consumption of alcoholic beverages, which through his writings built an extensive collection of alterity relations with Brazil.

KEYWORDS: Temperance, Protestantism, Maritime History

Geralmente encontrávamos o barco escolhido para as celebrações rigorosamente arrumado e decorado com todo gosto, com bancos para toda a assistência. Como era bonito ver os escaleres repletos de marinheiros virem, cada um por sua vez, amarrar ao costado do navio e descarregar a sua carga humana; homens que, não fora esta oportunidade, estariam em terra à cata de diversões, expostos a todas as tentações do vício e aos ardis do pecado! Quão sublimes eram os sentimentos que tais cenas inspiravam, principalmente em lugar tão lindo como o Rio de Janeiro. O céu brilhante, as montanhas altaneiras, o vai e vem das ondas não poderiam deixar de impressionar o espectador; mas quando além dessa beleza ambiente nos era dado observar numa reunião de marítimos a alma coletiva com a atenção fixa nas

* Artigo recebido em 15 de abril de 2013 e aprovado para publicação em 3 de maio de 2013.

cousas eternas, traindo-se aqui por um arfar mais forte, ali por uma lágrima furtiva, acolá por uma resolução tomada.¹

Durante o século XIX uma inserção constante de viajantes e imigrantes estrangeiros em terras brasileiras foi desencadeada. Tais viajantes possuíam motivações das mais diversas na vinda ao Brasil, como as de caráter científico, mera curiosidade turístico-aventureira, participação em missões religiosas (de cunho católico ou protestante), motivações comerciais, ofícios político-administrativos. Devido a este movimento de sujeitos rumo à América do Sul durante os oitocentos, Barreiro acredita então que este momento pode ser encarado como uma “espécie de redescoberta e revisitação do Brasil pelos viajantes”².

Isto porque a partir da efervescência dos movimentos científicos e filosóficos surgidos em meados dos séculos XVII e XVIII as visões de mundo explanadas em tratados dos séculos XV e XVI sobre a América não eram mais aceitas pela comunidade científica, pois grande parte destes relatos passou a ser tido como uma série de fabulações cerceadas de misticismo e fantasia, daí um desejo de “redescoberta”.

Nesse contexto da presença estrangeira passou a ser praticado por parte de muitos destes visitantes o gênero narrativo-descritivo denominado “literatura de viagem” que poderia perpassar, entre outros aspectos, os hábitos, os costumes, a economia, a história, as práticas políticas e a biodiversidade dos locais visitados. Devendo-se salientar que tais discursos muitas das vezes eram cerceados pelo referencial do que se compreendia como “modernidade” onde existia claramente o ensejo por “amplas transformações no plano de sociedade e cultura”³.

A literatura de viagem não se tratou de uma invenção do século XIX, muito pelo contrário, o viajar e compilar as experiências e interpretações sobre o “outro” era algo que já compreendia a realidade de viajantes medievos. Porém tais relatos paulatinamente inspiravam novos escritos, isto pelo fato de que o relato do viajante, quando publicado, não traça apenas o fim de uma viagem, pelo contrá-

rio ele denota o início de tantas outras viagens que não de ocorrer após a leitura do dito relato. Todorov pondera que “o relato de viagem não é, em si mesmo, o ponto de partida, e não somente o ponto de chegada, de uma nova viagem? O próprio Colombo não tinha partido porque havia lido o relato de Marco Polo?”⁴, ao que Edward Said e Peter Burke parecem tentar responder ao problema acima com dois caminhos antagônicos, porém verossímeis:

Muitos viajantes se descobrem dizendo sobre uma experiência num país novo que ela não corresponde a suas expectativas, querendo dizer que ela não é o que um livro afirmava que seria.⁵

Pode-se mostrar que alguns viajantes haviam lido sobre o país antes de nele porem os pés, e, ao chegar, viram o que haviam aprendido a esperar.⁶

Entretanto o decurso dos séculos trouxe em seu bojo uma série de modificações no modo de ver e vivenciar o mundo. Desta forma modificaram-se os interesses ao viajar ao mesmo tempo em que ocorriam mutações nos interesses do público leitor deste gênero literário. Maior acessibilidade ao livro impresso nos séculos XVIII e XIX também diversificou os leitores.

Os séculos XVIII e XIX são marcados pela efervescência deste tipo de literatura. A Europa vivenciou um período de intensificação do interesse pelas viagens científicas ou de lazer, desenvolvendo ao mesmo tempo a escrita destes relatos das peripécias de viajantes em terras estrangeiras, e aguçou a curiosidade dos leitores por estes “diários” repletos de aventuras exóticas⁷.

O escrito do viajante passou a ser o guia, o ponto de referência, dos que almejavam seguir seu exemplo, ou, então, um aparato de lazer àqueles que não podiam viajar, mas que se divertiam em conhecer novidades acerca deste admirável mundo novo e estranho que se encontrava nas territorialidades outras, principalmente na América meridional e no interior do continente africano.

Robert Darnton⁸ esboça que os livros de viagem e de história constituíam as categorias favoritas das bibliotecas francesas

no século XVIII, os quais serviam para a formulação das teorias filosóficas esclarecidas do período acerca da natureza e do homem. Na medida em que o iluminismo teceu a figura do explorador, mais conhecido como *voyageur philosophe*, Todorov assinala que tal aspiração de viajante seria um tipo ideal inspirado em Montaigne:

Le philosophe, en effet, est universaliste, évidemment, par destination; c'est la différence dans l'universalité qui l'intéresse, il n'est pas ethnocentrique en principe. Son but est la vérification de la variété, de la différenciation infinie des valeurs, des cultures et la tentative de conciliation de ceci dans une vision universelle des choses.⁹

Assim, os naturalistas, na literatura de viagem científica, esforçavam-se por legitimar seu posicionamento na sociedade que estavam inseridos, isto é, viajavam e relatavam suas viagens com o suposto objetivo de multiplicação do conhecimento científico para que este ficasse para a posteridade e servisse para a utilidade geral, tendo desta maneira um assíduo público leitor entre os “esclarecidos”.

Ao mesmo tempo em que viajantes deixavam tais tipos de relatos sobre os locais visitados e seus habitantes, alguns estrangeiros viajavam com objetivos religiosos, como no caso das missões protestantes norte-americanas de várias vertentes, tais como presbiterianas, metodistas, batistas, que tinham por fim tornar prosélitos protestantes os habitantes das terras visitadas.

Tal projeto missionário fluía de um movimento nascido nos Estados Unidos no século XVIII e que se fortalecera sobremaneira nos oitocentos, que tinha por objetivo a propagação do protestantismo entre as nações. Os missionários geralmente escreviam relatos sobre suas impressões e convicções religiosas em periódicos das nações visitadas ou de sua terra natal, tais relatos perpassavam os sucessos e dificuldades da missão em terras estrangeiras.

Em meados do século XIX o Império do Brasil inseriu-se neste contexto missionário

protestante norte-americano quando diversos comitês missionários estadunidenses passaram a perceber os brasileiros como almas a serem alcançadas e convertidas ao protestantismo.

Um destes missionários norte-americanos a ser enviado ao Brasil foi o Reverendo Daniel Parish Kidder. Daniel Kidder era natural de Darien (Nova York) e converteu-se ao metodismo no início da década de 1830, apesar de seu pai não ter visto com bons olhos tal fato, pois o mesmo não era simpático aos metodistas¹⁰. Em seguida, Kidder iniciou a carreira como ministro metodista, graduando-se na Wesleyan University e aceitando o convite de seu superior eclesiástico Bispo Waugh para assumir uma viagem missionária ao Rio de Janeiro.

Bastante jovem, este ministro protestante chegou ao Brasil com 22 anos de idade e viajou, basicamente por via marítima, entre os anos de 1838 e 1840 por diversos pontos do Império, principalmente nas capitais das Províncias. Até que a morte de sua esposa no Rio de Janeiro motivou seu retorno aos Estados Unidos.

Em 1845, ou seja, pouco menos de cinco anos após seu retorno aos Estados Unidos, Daniel publicou o *Sketches of residence and travels in Brazil embracing historical and geographical notices of the empire and its several provinces*, cujo objetivo seria mostrar a seus compatriotas “alguns apontamentos históricos e geográficos, nossas reminiscências relativas a quase dois anos e meio de residência e viagens”¹¹, apontamentos estes os quais o reverendo metodista fez questão de tentar fornecer uma ideia de fidedignidade a seu relato ao assinalar que para a consecução da obra havia consultado

frequentemente a história de Southey e sua continuação pelo sr. Armitage.

(...)

Fizemos, além disso, numerosas referências a relatórios de presidentes de Províncias, documentos oficiais, autores brasileiros, em suma, a todas as mais recentes e autênticas fontes de referência de que nos pudemos valer com relação a todos os recantos do Império.¹²

Esta não foi a única empreitada como escritor de Daniel Kidder. Após retornar aos Estados Unidos, Daniel assumiu o cargo de Editor da *Sunday School Publications and Tracts*¹³ entre 1844 e 1856 o que lhe possibilitou publicar diversos escritos direcionados às atividades das Escolas Bíblicas Dominicais metodistas dos Estados Unidos. Além disso, retornou ao tema Brasil, em 1857, através da publicação do famoso *Brazil and the brazilians: portrayed in historical and descriptive sketches* em parceria com o ministro presbiteriano James Cooley Fletcher, também membro da Sociedade Bíblica Americana, o qual esteve diversas vezes no Brasil durante a segunda metade do século XIX.

Daniel chegou ao Império do Brasil durante o conturbado período regencial e as diversas revoltas nas Províncias periféricas à Corte. Tal situação chegou inclusive a estar presente nos escritos de Kidder. Ao passar pelo Maranhão o Reverendo consideraria o movimento da Balaiada como a obra de “desesperados sem escrúpulos” manipuladores de “ignorantes e malfeitores”:

Alguns desesperados sem escrúpulo, nada mais visando que o assassinio, o saque e o roubo, conseguiram insuflar o espírito revolucionário entre os ignorantes e malfeitores – dos quais a província deveria estar repleta – e começaram a atacar indivíduos e famílias sem defesa.¹⁴

Entretanto, a preocupação primordial deste reverendo metodista, presente em seus escritos de viagem, foi relacionada ao fator motivador de sua vinda ao Brasil; Kidder estava no Brasil a serviço da Sociedade Bíblica Americana, instituição surgida no início do século XIX, cujo objetivo era a venda e a distribuição de bíblias e literatura protestante em nações não protestantes e no idioma dos países visitados por seus membros, o que era chamado por estes missionários de trabalho de “colportagem”.

Inicialmente este missionário fixou-se por alguns meses na cidade do Rio de Janeiro auxiliando o reverendo protestante Justin Spaulding nos trabalhos religiosos destinados aos marinheiros¹⁵ e habitantes de língua

inglesa desta cidade, porém, imbuído em um projeto missionário de conversão de brasileiros ao protestantismo dentro do campo de possibilidades que lhe era colocado, Kidder partiu rumo ao norte do Império para a consecução da missão que lhe fora dada pela Sociedade Bíblica Americana. Para isso o reverendo metodista assinalou que

Como subsídio para os nossos trabalhos evangélicos, tínhamos preparado quatro novas publicações em português, especialmente adaptadas ao ambiente brasileiro. Delas tiramos larga edição e desembarcamos na Alfândega nova remessa de bíblias, testamentos e Saltérios, recebida dos Estados Unidos, que melhor nos aparelhou para o bom desempenho de nossa missão.¹⁶

A presença de protestantes neste momento no Brasil não era algo de total desconhecimento por parte da população do Império. Isso não significa dizer que houvesse um conhecimento profundo acerca da fé protestante, mas a maior presença de estrangeiros que professavam tal fé, principalmente nos centros urbanos, possibilitou a criação de certos estereótipos acerca destes sujeitos.

Ademais, no momento em que Kidder empreendeu suas viagens pelo Brasil, em diversas cidades do Império já havia a presença de cemitérios destinados a protestantes, que recebiam a alcunha de “cemitério dos ingleses”. Desta maneira, mesmo que nem sempre bem vistos, muitas vezes tidos por hereges, estes estrangeiros protestantes não eram totalmente estranhos a muitos dos brasileiros.

E como tal o missionário Kidder almejava ser percebido como protestante, até mesmo pelo fato de que este era seu ofício, ou seja, o ensejo pelo proselitismo de brasileiros ao protestantismo, ainda que de maneira incipiente, tendo em vista o “campo de possibilidades”¹⁷ do momento histórico vivenciado, isto é, o momento de atuação missionária de Kidder no Brasil não possibilitava a este reverendo metodista grandes liberdades legais¹⁸ no contexto de uma implementação

de uma missão protestante fixa com o intuito de fundação de uma comunidade metodista voltada aos brasileiros.

Assim, Kidder expôs aos seus leitores (e compatriotas) sobre quais aspectos voltaria-se ao escrever sobre esta outra nação, relacionando seu olhar diretamente a sua profissão: “Quando lá estivemos, nossa atenção esteve principalmente voltada a capítulos tais como a Educação, a Moral e a Religião, aos quais, na qualidade de missionários cristãos, nos cumpria de preferência observar”¹⁹.

Imbuído de tal perspectiva para seu olhar, o reverendo metodista partiu rumo às províncias setentrionais do Império. Aproveitando-se da recente implantação por parte da Brazilian Steam Packet Company de linhas marítimas de transporte regular de passageiros e malas postais entre o Rio de Janeiro e a Região Norte do Brasil, Kidder embarca no paquete *São Sebastião* com destino a Pernambuco.

Daniel Kidder passa então a comparar atitudes que ele considerou positivas com ações tidas por degradantes a ingleses a bordo do *São Sebastião*. O missionário de antemão afirma que quase toda a tripulação do navio era formada por ingleses e que, além disso, na cabina, era acompanhado na viagem pelos seguintes passageiros: três ingleses e um coronel brasileiro. Para Kidder, enquanto a companhia do coronel era “muitíssimo interessante e agradável”, não podia dizer o mesmo dos ingleses que constantemente consumiam bebidas alcoólicas, expressavam-se com linguagem reprovável e jogavam cartas²⁰.

Tal comportamento tido por reprovável ao reverendo metodista não se resumia aos companheiros de cabina, mas estendia-se ao capitão da embarcação. Quando da chegada em Salvador, ante uma forte chuva, o missionário preferiu não desembarcar no primeiro momento para assim poder, sem a presença dos três ingleses, “gozar, na cabina, da quietude da noite”²¹. No entanto, para surpresa do pastor metodista, o capitão do navio receberia naquela noite:

a visita de dois colegas seus, também ingleses, que depois de lauto jantar, fartamente regado de bons vinhos não se mostravam

dispostos a moderar a linguagem livre em que se exprimiam.

Como nos confrange a alma o sermos forçados a ouvir uma conversa desbragada.²²

Esta busca por parte de Kidder em reprovador comportamentos outros partindo de seus repertórios culturais mostrar-se-ia constante por todo o relato do reverendo assim como sua tentativa de perceber-se no outro. Já no Maranhão, Daniel pôde identificar-se com uma tipografia cujo nome era “*Tipografia de Temperança*” (grafado em destaque pelo próprio reverendo em seu relato de viagem), a qual imprimia publicações contra o consumo de bebidas alcoólicas e em prol da abstinência total do álcool.

Para completar este quadro “o proprietário do estabelecimento era um cavalheiro inteligente e distinto. Dois de seus filhos haviam sido educados nos Estados Unidos”²³, isto é, não se pode negar que o fato de a educação nos Estados Unidos por parte dos filhos do dono da tipografia dava a este *status* de cavalheirismo e distinção ante o olhar do reverendo metodista.

Toda essa ênfase na temperança, abstinência de álcool e crítica ao alcoolismo enquadrava-se na lógica metodista, já que o metodismo buscava seguir os ensinamentos de John Wesley que davam “maior realce à santificação. Renascer para o espírito de Cristo significava uma conduta reta e pura, uma infatigável caridade, não beber álcool,(...), rezar, praticar a confissão pública, participar regularmente da ceia”²⁴.

Este posicionamento quanto ao consumo de bebidas alcoólicas pode ser vislumbrado nos escritos Kidder ainda quando de sua chegada ao Brasil, enquanto trabalhava como auxiliar do Reverendo Justin Spaulding no Rio de Janeiro, na catequese de marítimos ingleses e estadunidenses, levando a cabo a campanha de “Temperança”, isto é, a pregação para que os marinheiros abstivessem-se de bebidas alcoólicas.

Desta maneira, além dos trabalhos de colportagem, a pregação contra o consumo de álcool fora constante em suas viagens pelo Brasil, tanto que em Recife o reverendo metodista mostrou-se extremamente satisfeito

por ter sido solicitado pelos passageiros do paquete a vapor *São Sebastião* a redigir um termo de temperança à tripulação:

Uma comissão de passageiros alojados no castelo de proa (...) veio nos pedir que redigíssemos um compromisso de temperança às condições existentes a bordo. Estas, sabíamos serem bastante desfavoráveis, pois se distribuíam rações diárias de álcool à tripulação e muitos dos marinheiros já eram inveterados apreciadores de ruinoso líquido.²⁵

Apesar da feição do documento e da assinatura do mesmo por parte de 13 marinheiros e fogueiros, Kidder afirma que o capitão do navio (o mesmo que o reverendo havia criticado quando de sua estada em Salvador pela “conversa desbragada” decorrente do consumo de vinho) não assinara o termo de compromisso sendo posteriormente: “O único a ser demitido e desembarcado por embriaguez. O vinho do capitão constituía, para ele, tentação forte demais”.

Notória é a ênfase dada por Kidder acerca dos malefícios advindos do consumo de bebidas alcoólicas a bordo dos navios. No entanto, tal uso destes tipos de bebidas era na realidade tido como fundamental entre os homens do mar. De fato, desde que o homem passou a empreender grandes viagens marítimas a existência de bebidas alcoólicas nas embarcações não se resumia a sua utilidade de lazer, mas destinava-se a outras finalidades, tais como uma alternativa à água potável contaminada, prevenção do escorbuto e estimulante laboral.

Acerca deste assunto o português Joaquim Xavier da Silva disserta em seu *Breve Tratado de Hygiene Militar e Naval* de 1836:

O vinho he muito útil tanto aos soldados embarcados, como aos marinheiros; sustenta e repara as forças, dá energia ao estomago, e favorece a digestão; corrige as más qualidades dos alimentos, e inspira sensações agradáveis; quando os marinheiros se tem fatigado muito com o trabalho a ponto de lhes excitar copioso suor,

he útil distribuir-lhes huma pequena quantidade de vinho para ser misturado com agoa, que serve de a desalterar, e tornar huma bebida animante.²⁶

Além do vinho o mesmo autor ainda trata dos benefícios de se ter a bordo a “agoa ardente” para que os marinheiros pudessem trabalhar melhor em climas úmidos e frios, a cidra e a cerveja para prevenção do escorbuto. No entanto, o próprio tratado afirma que se deveriam ministrar tais bebidas com moderação na medida em que seu consumo em excesso poderia produzir nos homens a bordo “febres de máo caracter”.

No entanto, sob a perspectiva ascética protestante de Daniel Kidder, a moderação era algo impossível de se alcançar quando se tratava do consumo de bebidas alcoólicas, para este missionário não haveria “qualquer método de se forrar alguém contra o vício da embriaguez, a não ser pela abstinência total”²⁷.

Após uma curta temporada em Pernambuco Kidder retomou sua jornada rumo ao Norte do Império embarcando no paquete *Maranhense*. Novamente a temática do consumo de bebidas alcoólicas a bordo manifestar-se-ia presente nos escritos do missionário estadunidense. Segundo Daniel, o comandante do paquete apoiava tudo que se destinasse ao bem-estar da tripulação e sabedor do termo de temperança redigido por Kidder à tripulação do *São Sebastião* “manifestou a esperança de que conseguíssemos, através de nossos esforços, o milagre da temperança”²⁸.

Antes mesmo de partir rumo às províncias do Norte do Império o metodista Kidder demonstraria seu posicionamento acerca do consumo de qualquer bebida alcoólica, que demandaria punição exemplar ao consumidor. Uma imigrante irlandesa, chamada Maria, fora por algum tempo empregada doméstica de Kidder durante sua estadia no Rio de Janeiro, até que a mulher irlandesa acabara sumindo. Tempos depois Kidder receberia uma carta escrita em inglês da dita mulher solicitando auxílio do missionário, pois estava presa na casa de correção, ao que, quando Kidder buscou saber o motivo da custódia de Maria, acabou recusando

ajudá-la, crendo que a prisão seria salutar para a irlandesa. Maria havia sido condenada a ficar encarcerada por um mês por haver feito algazarra na rua em estado de embriaguez²⁹.

Em outra ocasião, já na cidade Fortaleza, Daniel Kidder agradeceu-se por haver encontrado uma mulher abstinência, algo, segundo tal estrangeiro raro no Brasil:

À ceia, serviram vinho e, tendo-o recusado, foi com prazer que notamos que a Sra. G, dona da casa, também não fazia uso de bebidas alcoólicas por pertencer a uma sociedade de abstinência. Essa circunstância foi motivo de congratulações de ambas as partes visto ser muito raro um hóspede recusar vinho e uma senhora brasileira fazer abstinência total.³⁰

Desta maneira, o uso do álcool, combatido e/ou criticado por Kidder, na realidade o era não pela ação em si, mas pelas consequências que tal uso traria aos usuários, isto é, o vício teria como resultado imediato a ociosidade e a vadiagem, que causariam a formação de um ciclo pernicioso, daí o porquê de os “vadios”, criados, mulheres e menores serem destacados como propensos ao vício.

Tal percepção só era possível devido à formação cultural deste estrangeiro, na medida em que o mesmo partia de uma ética protestante que aflorava em seus repertórios culturais. Paulatinamente nas nações majoritariamente protestantes formatou-se uma ética do trabalho que se diferenciava bastante das de outras nações.

Sérgio Buarque de Holanda, que como se sabe fora bem afeito aos escritos de Max Weber, faz em seu *Raízes do Brasil* uma diferenciação entre dois tipos humanos – o aventureiro e o trabalhador – tendo sido o Brasil herdeiro do tipo de colonizador aventureiro. A partir daí Holanda passa a tecer suas considerações acerca das características aventureiras que, segundo o autor, foram constantes nos colonizadores ibéricos da América. No entanto, antes de adentrar em tal discussão, Holanda descreve o tipo trabalhador:

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante (...)

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. Assim, o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro – audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem.³¹

E qual seria esta ética do trabalho senão aquela levada a cabo pela ética protestante analisada por Weber. Desta maneira, o estrangeiro protestante que apresentamos neste artigo de um modo extremamente natural postulava em seus escritos e práticas a valorização cotidiana desta ética do trabalho; do trabalho que era visto como positivo, valoroso, abençoado, enfim, seu ideal não era o de “colher o fruto sem plantar a árvore”, mas sim de colher o fruto após suar bastante no processo de plantio da árvore.

O trabalho ligava-se diretamente à ideia de disciplina, o que se percebe claramente quando em sua viagem de retorno do Pará com destino ao Rio de Janeiro, Kidder embarcaria no Pacote *Pernambucana* não fazendo alusão alguma ao consumo de bebidas alcoólicas por parte da tripulação ao mesmo tempo em que afirmava ser: “Excelente a disciplina a bordo deste vapor. O capitão era inglês e a tripulação mista de portugueses, franceses e negros”³².

Na medida em que Daniel Kidder estava no Brasil na função de missionário, ele tendia a assemelhar-se a figura do missionário espanhol Las Casas que, segundo Todorov, por “amar” o “outro” postava como seu objetivo transformar o “outro” em nome de si mesmo e desta maneira acabar por submetê-lo³³. E destarte, já que o intuito era a transformação do outro, isto significava que algo de errado havia neste outro, pois na maior parte das vezes “a primeira reação, espontâ-

nea, em relação ao estrangeiro é imaginá-lo inferior, porque diferente de nós”³⁴.

Tal “inferioridade” só podia ser constatada mediante o olhar comparativo que posta determinados padrões comportamentais e de conduta como os adequados, geralmente extraídos da cultura de quem vê. Este era o olhar que por vezes permeou os escritos deste estrangeiro protestante que analisamos, o qual constantemente buscava encontrar elementos que pudessem ser comparados com aqueles que lhes fossem familiares às suas percepções de mundo, como no caso das suas acepções acerca do alcoolismo e do trabalho.

Já de volta ao Rio de Janeiro empreendendo ações conjuntas com o Reverendo Spaulding em prol dos marítimos de língua inglesa, Kidder põe em destaque novamente a temática da abstenção do consumo de álcool, informando com satisfação sobre a criação de uma *Sociedade de Temperança dos Marinheiros*, cuja existência não se destinaria apenas à marinha mercante mas também “a bordo de navios de guerra norte-americanos”³⁵.

Ao finalizar seu relato de viagem ao Brasil o reverendo estadunidense tentaria fazer a seus compatriotas uma espécie de análise geral das perspectivas que tinha acerca dessa nação visitada:

A ignorância, a superstição, a intolerância, o vício são os baluartes atrás dos quais ganham força esses elementos hostis. E enquanto não puderem ser eles destruídos pelo suave poder do saber e da piedade, é inútil esperar prosperidade contínua e progresso ininterrupto, na trilha que leva à grandeza nacional. Nenhuma nação existe que esteja inteiramente isenta das dificuldades e perigos decorrentes das

causas apontadas; mas, se há um país sobre a Terra que mais vantagens poderia hoje colher, se desses males se libertasse inteiramente, tal país é, sem sombra de dúvida, o Império do Brasil.³⁶

Kidder viera ao Brasil em 1837 e passara cerca de três anos percorrendo este território até então só revelado a este colportor através das letras de outros viajantes. Podemos considerar que o escrito de viagem de Kidder (e isso poderia ser estendido a outros viajantes) resultou do embate entre seus projetos iniciais e a experiência resultante da tentativa de efetivação de tais empreendimentos, bem como o período de compilação de dados e exercício de sua memória pessoal para a constituição final da publicação. Tal como afirma Mary Louise Pratt postando o relato de viagem inserto em uma dimensão heteroglóssica, cujo “conhecimento advém não apenas da sensibilidade e dos poderes de observação do viajante, mas da interação e experiência usualmente dirigida e gerenciada por viajados”³⁷.

Assim uma construção discursiva dialética emerge das palavras finais do missionário metodista como numa espécie de manifesto visando a “grandeza” do país que visitara, Kidder exporia que para surgir o novo, o velho deveria ser extirpado. Algumas palavras destacam-se com ênfase no texto, tais como o “suave poder do saber e da piedade”, que propiciariam ao Império brasileiro “prosperidade”, “progresso” e “grandeza”.

Mas para alcançar todas estas benesses da modernidade seria necessário ao Brasil a libertação de algumas mazelas que assolariam esta nação: “A ignorância, a superstição, a intolerância, o vício” e entre estes vícios estaria o relativo ao consumo de bebidas alcoólicas.

REFERÊNCIAS

ALEGRE, Maria Sílvia Porto. *Comissão das borboletas: A ciência do Império entre o Ceará e a corte (1856-1867)*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003.

BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: Cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

BAUDRILLARD, Jean & GUILLAUME. *Figures de l'altérité*. Paris: Descartes & Cie, 1994.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *O que é História Cultural?* Tradução de Sérgio Goez de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. 5ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da reforma*. Tradução de João Pedro Mendes. São Paulo: Pioneira, 1989.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Tradução de Moacir N. Vasconcelos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

_____. *Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil [Rio de Janeiro e Província de São Paulo]: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e de diversas províncias*. Tradução de Moacir N. Vasconcelos. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.

OLIVEIRA FILHO, Sérgio Willian de Castro. "*Emissários do frade apostata*": *Inserção, transgressão e Disciplina Eclesiástica na Igreja Presbiteriana de Fortaleza (1882-1899)*. Fortaleza Monografia de Graduação UECE, 2008.

_____. *Estranho em terra estranha: Práticas e olhares estrangeiro-protestantes no Ceará oitocentista*. Fortaleza Dissertação de Mestrado UFC, 2011.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução de Jézio Gutierre. Bauru: Edusc, 1999.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Joaquim Xavier da. *Breve Tratado de Hygiene Militar e Naval*. 2ª ed. Lisboa: Typographia da Academia Real de Sciencias, 1836.

STROBRIDGE, G. E. *Biography of the Rev. Daniel Parish Kidder, D.D., LL.D.* New York: Hunt & Eadon, 1894.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. 3 ed. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

- ¹ KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Tradução de Moacir N. Vasconcelos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972. p. 220.
- ² BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: Cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 11.
- ³ Ibidem, p.10.
- ⁴ TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. 3ª ed. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 17.
- ⁵ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 141.
- ⁶ BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Tradução de Sérgio Goez de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 86.
- ⁷ Alegre afirma que "O período romântico, ao desenvolver o gosto pelo bizarro, pelo exótico, por aquilo que era diferente, tendeu a estimular as expedições às terras longínquas, reforçando a busca dos viajantes por países estrangeiros" In ALEGRE, Maria Sylvia Porto. *Comissão das borboletas: A ciência do Império entre o Ceará e a corte (1856-1867)*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003. p. 25.
- ⁸ DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. 5ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. pp. 284-285.
- ⁹ TODOROV, Tzvetan apud BAUDRILLARD, Jean & GUILLAUME. *Figures de l'altérité*. Paris: Descartes & Cie, 1994. p. 10. "O filósofo, aliás, é universalista, evidentemente, por destinação; é a diferença sobre a universalidade que lhe interessa, ele não é etnocêntrico, em princípio. Sua finalidade é a verificação da variedade, da diferenciação infinita de valores, de culturas e a tentativa de conciliação disso em uma visão universal das coisas". (Tradução Livre).
- ¹⁰ STROBRIDGE, G. E. *Biography of the Rev. Daniel Parish Kidder, D.D., LL.D.* New York: Hunt & Eadon, 1894. p. 27. (<http://www.archive.org/details/biographyofrevda00stro>).
- ¹¹ KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil [Rio de Janeiro e Província de São Paulo]: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e de diversas províncias*. Tradução de Moacir N. Vasconcelos. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001. p. 19.
- ¹² Ibidem, pp. 19-20.
- ¹³ STROBRIDGE, G. E. Op. cit. pp. 161-216.
- ¹⁴ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1972). p.150.
- ¹⁵ Ao discutir acerca da "subcultura" dos marinheiros no século XVII, Peter Burke afirma que eram frequentes os clérigos empenhados na penetração deste "mundo" exemplificando o discurso de John Ryther que "comparava o corpo a um navio, a alma à sua mercadoria, o mundo ao mar, e o céu ao porto para onde o marinheiro precisa se dirigir" In BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. P. 72.
- ¹⁶ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1972), p. 2.
- ¹⁷ VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p. 28.
- ¹⁸ Diversos mecanismos legais impossibilitavam uma atuação efetiva de missões protestantes neste primeiro momento do Brasil Imperial, alguns pontos da Constituição Imperial, por exemplo, traziam uma liberdade religiosa de maneira contraditória, já que expressava categoricamente a religião Católica Apostólica Romana como religião oficial a ser respeitada, não sendo admitidas manifestações religiosas públicas nem aparência exterior de templo a agrupamentos acatólicos. Cf. OLIVEIRA FILHO, Sérgio Willian de Castro. "Emissários do frade apostata": *Inserção, transgressão e Disciplina Eclesiástica na Igreja Presbiteriana de Fortaleza (1882-1899)*. Fortaleza Monografia de Graduação Uece, 2008. pp. 44-58.
- ¹⁹ KIDDER, Daniel P. Op. Cit. (2001). p. 19.
- ²⁰ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1972). p. 4.
- ²¹ Ibidem, p. 6.
- ²² Ibidem, pp. 6-7.
- ²³ Ibidem, p. 153.
- ²⁴ DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da reforma*. Tradução de João Pedro Mendes. São Paulo: Pioneira, 1989. p. 244.
- ²⁵ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1972). p. 133.
- ²⁶ SILVA, Joaquim Xavier da. *Breve Tratado de Higiene Militar e Naval*. 2ª ed. Lisboa: Typographia da Academia Real de Ciências, 1836. pp. 79-80.
- ²⁷ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1972). p. 133.
- ²⁸ Ibidem, p. 144.
- ²⁹ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (2001). pp.91-92.
- ³⁰ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1972). p. 138.
- ³¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 44.
- ³² KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1972). p. 212.
- ³³ TODOROV, Tzvetan. Op. cit. p. 245.
- ³⁴ Ibidem, p. 105.
- ³⁵ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1972). p. 221.
- ³⁶ Ibidem, p. 256.
- ³⁷ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução de Jézio Gutierre. Bauru: Edusc, 1999. p. 234.